



## **A MÍSTICA DO FEMININO: A secularização da metafísica nomaterialismo dialético**

**Wellington Lima Amorim<sup>1</sup>**

**RESUMO:** O feminismo enquanto movimento, de uma forma genérica e abrangente, refere-se a uma pluralidade de doutrinas sobre a condição de opressão e exploração da mulher numa sociedade majoritariamente patriarcal e capitalista, assim como, estabelece uma série de possibilidades para superar essa condição. Para tanto, a fim de que tal exploração se estabeleça é necessário a esse mesmo sistema, justifique um conceito de mulher, adequada portanto, ao *status quo*. Inspiradas em Simone de Beauvoir e mais tarde em Foucault, que inspiram o conceito de mulher enquanto construção social (e por isso cultural), o feminismo visa uma determinação autônoma do ser mulher, isto é, como construção particular (individual) e/ ou como classe, que recebe influência do materialismo dialético marxista. O presente artigo tem como objetivo demonstrar que essa noção de autonomia, antes do materialismo dialético, é devedora da metafísica religiosa encontrada em algumas tradições orientais, seja entre os gregos ou monges tibetanos, o que estabelece uma necessidade de revisão tanto da noção de autonomia quanto do materialismo no qual ela se justifica, enquanto abordagem científica, política e democrática.

**Palavras-chave:** metafísica, materialismo, dialética.

**ABSTRACT:** The Feminism as a movement, in a generic and comprehensive way refers to a plurality of doctrines on the condition of oppression and exploitation of women in a majority patriarchal and capitalist society, as well as establishing a series of possibilities to overcome this condition. Therefore, in order for such exploitation to be established is necessary to this same system, justify a concept of woman, appropriate therefore, to the status quo. Inspired by Simone de Beauvoir and later in Foucault, who inspire the concept of women as a social construction (and therefore cultural), feminism aims at an autonomous determination of being a woman, that is, as private construction (individual) and / or as Class, which is influenced by the Marxist dialectical materialism. This article aims to demonstrate that this notion of autonomy, prior to dialectical materialism, owes the religious metaphysics found in some Eastern traditions, be it between the Greeks or Tibetan monks, which establishes a need to revise both the notion of autonomy and of the materialism on which it is justified, as a scientific, political and democratic approach.

**Keywords:** metaphysics; materialism; dialectic

---

<sup>1</sup> Artigo originalmente publicado na Revista Cadernos Zygmunt Bauman em co-autoria com o Bacharel/Licenciado em Filosofia/UERJ, Diogo Santana. Doutor em Ciências Humanas. Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: wellington.amorim@gmail.com



## INTRODUÇÃO

Betty Friedan em seu livro *A Mística Feminina*, através de uma profunda análise do lugar da mulher na cultura norte-americana, afirma que este lugar, que lhe determinasse enquanto força de produção e consumo, exigia antes a criação de uma mitologia a respeito da mulher, identificando-a unicamente aos papéis de esposa e mãe, corroborando para criação de toda uma demanda mercadológica que afirmasse essa condição. Uma mitologia que lhe impõe um destino definido e uma história já contada do nascimento à morte, pela natureza. Esse tipo de análise da condição da mulher na sociedade, lhe impõe uma condição que é próprio do movimento feminista de uma forma geral, e que expressa bem, em seu aparato teórico, uma história sociológica do conceito de ser mulher, de maneira que é possível identificar, nas mais variadas ramificações do feminismo uma história desse conceito, tendo em vista sua preocupação permanente em atualizar sua crítica social a partir de novos dados históricos. Para tanto, no âmbito da análise, a história sempre é uma aliada para a crítica ao presente, contudo, a crítica sempre tem em vista, o que é a mulher agora na sociedade. Sendo assim, é possível estabelecer uma história do conceito de mulher, sendo conveniente afirmar que este não passa de uma construção, ou antes, como sugerem a maioria das teóricas do meio, uma imposição. É neste sentido que Simone de Beauvoir afirma em seu livro *O Segundo Sexo* que:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo. O drama do nascimento, o da



desmama desenvolvem-se da mesma maneira para as crianças dos dois sexos; têm elas os mesmos interesses, os mesmos prazeres; a sucção é, inicialmente, a fonte de suas sensações mais agradáveis; passam depois por uma fase anal em que tiram, das funções excretórias que lhe são comuns, as maiores satisfações; seu desenvolvimento genital é análogo; exploram o corpo com a mesma curiosidade e a mesma indiferença; do clitóris e do pênis tiram o mesmo prazer incerto; na medida em que já se objetiva sua sensibilidade, voltam-se para a mãe: é a carne feminina, suave, lisa, elástica que suscita desejos sexuais e esses desejos são apreendidos; é de uma maneira agressiva que a menina, como o menino, beija a mãe, acaricia-a, apalpa-a; têm o mesmo ciúme se nasce outra criança; manifestam-no da mesma maneira: cólera, emburramento, distúrbios urinários; recorrem aos mesmos ardis para captar o amor dos adultos (BEAUVOIR, 2015, p.9-10).

As implicações conceituais desta história estão sempre em contínua transformação. Nesse caso, nossas limitações apenas nos possibilitam uma avaliação do passado para uma breve crítica ao presente. A partir das influências do materialismo dialético, da teoria crítica e da história comparada no estudo dos fatos sociais, e de autores como Nietzsche e Foucault, tornou-se um lugar-comum ao afirmar que o conceito de mulher enquanto fato social é construído. De igual maneira, enquanto análise social e material do conceito, se estabeleceu um otimismo epistemológico que dotava a análise de um caráter oficial, científico. Que implicava inevitavelmente uma práxis militante tendo em vista a transformação do status quo, de maneira a possibilitar certa autonomia na construção da própria identidade enquanto classe oprimida. Possibilidade esta, acessível apenas numa sociedade democrática.

Entretanto, cabe ressaltar, o apelo histórico como instrumento de atestação de uma construção social não é exclusivo para uma cosmovisão materialista, mas antes, possui suas origens em algumas formas de metafísica religiosa na antiguidade. Há nesse caso, uma transformação do método, que é preciso determinar e que estabelece algumas consequências até então não legitimadas, dentre os quais a própria noção de materialismo. Problemática tratada por Bakunin em seu *“Deus e o Estado”* por exemplo,



onde distingue o materialismo marxista do seu materialismo. É nesse aspecto que afirmamos que o feminismo é um misticismo, isto porque, tornou-se nele, predominante em seu método de análise, uma concepção específica de materialismo que é herdeira de algumas formas de metafísica religiosa. Há nesse caso, o estabelecimento tanto de uma mística masculina (e dominante) sobre o lugar da mulher em sociedade, como uma mística feminina sobre o lugar de direito da mulher nesta mesma sociedade.

## NATUREZA E CULTURA NA ANTIGUIDADE

Dag Oistein Endsjo em seu livro *Sexo e Religião* descreve bem as distinções entre o sexo heterossexual e homossexual no contexto de algumas tradições religiosas na antiguidade: seja no budismo japonês do século IX, na Grécia antiga, como sendo uma dialética entre natureza e cultura. Distinção esta evidentemente de ordem metafísica. A natureza, identificando cada homem à animalidade, é compreendida como inferior às atribuições do espírito, da razão, civilidade e da cultura. A heterossexualidade enquanto destino biológico de perpetuação da espécie constitui uma obrigação moral para com a continuidade da pólis. Por outro lado, é inferior a elevação do espírito, reservada aos cultos de mistério (iniciáticos) ou fora dos locais públicos, de caráter restrito (como a *academia* ou o *ginásio* grego).

Entretanto, se torna necessário avaliar tal relação entre natureza e cultura com certa cautela. Primeiro, porque essa relação era compreendida como uma progressão entre a animalidade absoluta e a civilidade (expressão máxima da reflexão pública e racionalidade). Segundo, porque tal ascensão era restrita apenas aos homens<sup>2</sup>, excluindo as mulheres e aos efebos<sup>3</sup>. O que se deve levar em consideração em tal representação,

---

<sup>2</sup> Richard Sennett em seu livro “Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental” (Bestbolso/2014) identifica tal exclusão das mulheres ao espaço público devido a uma compreensão cultural sobre a fisiologia dos corpos a partir do calor: fetos bem aquecidos no útero materno se tornariam machos.

<sup>3</sup> A cultura grega distinguia a homossexualidade da efeminação, devido a identificação em que estes últimos



consiste na adoção do corpo como um dado natural (animal) e por isso fadado a um destino que poderia ser amenizado pelo espírito (intelecto) até sua libertação da matéria. A constatação da escravidão do corpo e da liberdade da alma – do homem. O significado de tal constatação, expressava desde a antiguidade, que nenhum homem livre estaria coagido ou limitado por um destino estritamente biológico. Que estaria, portanto, suscetível a outras representações de ordem espiritual, que comumente designou-se *philosophía*<sup>9</sup>, poesia ou política.

## MATERIALISMO E SECULARIZAÇÃO

É famosa a expressão de Simone de Beauvoir no *Segundo Sexo* que “*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher*”. Entretanto, o que ela faz, é justamente tirar a mulher do gueto da natureza desde a antiguidade e situá-la na cultura, no espaço público, como ser livre e que por isso se inscreve e redescreve. Tal proposta se tornou possível do ponto de vista teórico por intermédio de dois modelos epistemológicos: o existencialismo e o marxismo. O existencialismo irá destituir o lugar que a liberdade tem na antiguidade como especificamente antropológico e acima de tudo masculino, e estendê-lo à uma dimensão ontológica, própria do real: o que inevitavelmente insere as mulheres, os efeminados e qualquer outro grupo humano no espaço público como seres livres que se inventam e reinventam. O marxismo terá como motivação solapar as bases metafísicas pelos quais se efetua essa liberdade. A liberdade compreendida como liberdade material, e que por isso, se realiza apenas no meio social. O existencialismo sartriano, partindo da premissa de que a “*existência precede a essência*”, no plano ontológico, defende que o real é pura ambiguidade, e por isso, fundamento de toda liberdade. Este tipo de postura é identificada nas influências que Sartre e Simone de Beauvoir tiveram da fenomenologia

---

possuem com as mulheres.





(de Husserl principalmente), de Heidegger e de Kierkegaard. O marxismo por outro lado, estabelece que toda liberdade se condiciona ao meio social do indivíduo. Apenas posso escolher o que o meio me permite escolher.

Situando a mulher na natureza, a mesma se estabelece definida socialmente através da tradição e da verdade sensível. Paradigma que ainda sim é concebido como inferior ao mundo masculino da cultura, racionalidade e da verdade inteligível. Essa postura progressiva entre natureza e cultura, de origem metafísica, mantêm a sua perpetuidade no helenismo, e no cristianismo com a patrística. Ludwig Feuerbach em seu livro *A Essência do Cristianismo* irá rechaçar essa postura, reduzindo toda teologia (metafísica fundada numa dualidade) a uma antropologia, isto é, à própria cultura<sup>4</sup>, através do conceito de reificação. Karl Marx irá ampliar esse conceito como alienação em seu livro *Ideologia Alemã*<sup>13</sup>, isto é, como produto material (econômico) transformado em ideologia, argumentando que há uma relação de produção dialética entre consciência e meio social. Cabe lembrar que o processo de reificação antropológica apenas se justifica dialeticamente para Marx. No entanto, este tipo de dialética apenas deslocou o dualismo de uma postura estritamente ideal para uma postura antropológica, que está longe de ser uma espécie de materialismo<sup>5</sup>.

O que Feuerbach e Marx fizeram apenas pode ser concebido como uma espécie de “desencantamento” da metafísica, tal como defendido por Max Weber em sua *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, mas de forma alguma a sua aniquilação ou morte. Processo de desencantamento que ainda estaria em curso. O processo no qual se

---

<sup>4</sup> Entretanto, este tipo de evidência não era uma exclusivo ao pensamento de Feuerbach. Antes dele, Clemente de Alexandria em seu livro “Exortação aos Gregos” (Editora E Realizações) no século II já argumentava seres os deuses gregos frutos de uma reificação. Sendo um cristão, no entanto, sua crítica se limitava como uma instrumento apologético, de defesa de sua fé. Já no século XX o conceito de reificação foi novamente retomado como apologética através do filósofo francês René Girard em seus livros “A Violência e o Sagrado (Ed. Paz e Terra/ 2011) e “Eu Via Satanás Cair Como Um Relâmpago” (Ed. Paz e Terra/ 2014).

<sup>5</sup> É preciso reconhecer, aliás, que inspirado na tradição iluminista, Marx defende um fim da metafísica com a síntese da dialética alcançada com o comunismo. Em outros termos, que o comunismo representa a inauguração na história de um verdadeiro materialismo.



estabelece esse “*desencantamento*” do mundo, delegando a religião do âmbito público ao privado, é tradicionalmente denominado *secularização*. Embora não haja consenso a respeito de como se estabelece esse processo, uma parte significativa de seus teóricos (que incluem teólogos, cientistas sociais e filósofos) parte de que a autonomia entre o secular (político) e o sagrado seja uma impossibilidade em sua plenitude, tendo em vista que grande parte (senão todo ele) do secular, é fundado em bases metafísicas, ou pelo menos, nasceu a partir de uma justificativa teológica<sup>6</sup>. É na adesão a essa posição que afirmamos que a metafísica tradicional, participa do processo de secularização, de desencantamento do mundo, enquanto materialismo dialético, método por excelência do marxismo clássico. Como consequência, tal relação contesta toda dimensão escatológica que sustenta este último. Se a secularização não se realiza em sua plenitude, não pode haver no marxismo uma teleologia: ou seja, fim da história e das classes - mas também de Deus.

Por outro lado, o método que estabelece a compreensão da teleologia marxista por ter uma origem teológica, exige de si mesmo autocrítica permanente, revogando progressivamente elementos de seu próprio método, ou seja, para os que endossam a possibilidade do processo de desencantamento alcançar sua plenitude, à medida que a história progride abandonando os elementos teológicos que fundamentam sua estrutura, torna-se cada vez mais irrelevante (também de maneira progressiva) se falar em dialética no materialismo. Como consequência, quanto mais a história se aproxima do seu fim, mais lenta ela se aproxima desse fim, posto que descartar elementos da dialética é descartar progressivamente a própria dialética.

Torna-se evidente que a intenção do presente trabalho consistiu a partir de uma sucinta explicação do conceito de desconstrução de gênero, alcançar o método do qual grande parte dele se realiza, e a partir de uma crítica ao método, propor uma nova descrição do fenômeno. A tarefa do presente trabalho limita-se no entanto à sua

---

<sup>6</sup> Partem dessa perspectiva autores como Carl Schmitt, Giorgio Agamben (cujo trabalho consiste em propor uma arqueologia da dimensão teológica das estruturas políticas), John Milbank (teólogo anglicano), Slavoj Žižek, Charles Taylor e Romano Guardini.



dimensão crítica. O marxismo, ao descer o céu à terra não faz da terra o céu. Em outros termos: ele não exaure a antiga metafísica de seu conteúdo, apenas a transvaloriza no plano da imanência. Como consequência, torna-se puro idealismo sob a justificativa de ciência. Expressão clara de um processo de secularização onde as formas religiosas são secularizadas, mas ainda permanentes na cultura. Entretanto, deve-se recorrer a uma avaliação de seus fundamentos, particularmente, de seu materialismo. Bakunin em *Deus e o Estado* faz uma crítica contundente a noção marxista de materialismo, acusando-o de puro idealismo, de metafísica.

O presente trabalho deixa explícito por outros meios que tal crítica não é infundada. Quando afirmamos que o feminismo é um misticismo, apenas identificamos nele sua herança metafísica através de algumas formas de materialismo, o que significa um equívoco epistemológico em tais noções e que se estende como justificativa para a militância de todo grupo minoritário que busca reconhecimento público. Que o materialismo (marxista clássico) não é materialismo *strictu sensu*, e que por isso, deve corrigir seus fundamentos teóricos fundamentais ou conforma-se a sua condição de mais um patamar da metafísica tradicional. Constatação que apenas torna-se possível através da admissão do processo de secularização das estruturas epistemológicas e que se estabelece da antiguidade à modernidade. Que essas estruturas de forma alguma constituem uma ruptura, mas sim participação de um processo, o que exige sua atualização permanente, não apenas de seus conceitos, mas principalmente de seus métodos. O presente trabalho fundamenta-se portanto, muito mais numa crítica aos fundamentos epistemológicos que fundamentam determinada concepção do materialismo através do processo de secularização<sup>20</sup> do que propriamente feminismo, sexualidade ou religião. Entretanto, o que significaria um materialismo *strictu sensu*? Uma questão, muito embora legítima, não caberia que no presente trabalho.





## REFERÊNCIAS

**ALEXANDRIA.** Clemente. Exortação aos Gregos. Ed. E realizações. 2011.

**BAKUNIN.** Mikhail. Deus e o Estado. Ed. Hedra. 2011.

**BEAUVOIR.** Simone. O Segundo Sexo. Ed. Nova Fronteira. 2015.

**ENDSJO.** Dag Oistein. Sexo e Religião. Ed. Geração Editorial. 2015.

**FEUERBACH.** Ludwig. A Essência do Cristianismo. Fundação Calouste. 2011.

**FOUCAULT.** Michel. A Arqueologia do Saber. Ed. Forense Universitária. 8ª edição 2015.

\_\_\_\_\_. História da Sexualidade. Ed. Graal. 2012.

**FRIEDAN.** Betty. A Mística Feminina. Ed. Vozes. 1974.

**GIRARD.** Rene. Violência e o Sagrado. Ed. Paz e Terra. 2011.

\_\_\_\_\_. Eu Via Satanás Cair Como Um Relâmpago. Ed. Paz e Terra. 2014.

**MARX.** Karl e **ENGELS.** Friedrich. Ideologia Alemã. Ed. Boitempo. 2014.

**MILBANK.** John. Teologia e Teoria Social. Ed. Loyola. 2005.

**PLATÃO.** Fedro. Ed. UFPA. 2011.



67

**SENNETT.** Richard. Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Ed. Bestbolso. 2014.

**TAYLOR.** Charles. Uma Era Secular. Ed. Unisinos. 2010.

**ZIZEK.** Slavoj. **E MILBANK.** John. A Monstruosidade do Cristo. Ed. Três Estrelas. 2015.

**WEBER.** Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. Ed. Companhia das Letras. 2012.